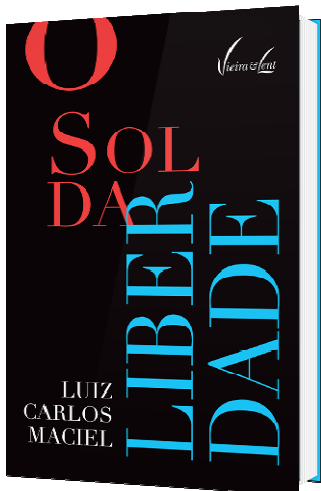


O Sol da liberdade

LUIZ CARLOS MACIEL

*“QUERO APENAS MEXER COM AS IDEIAS
COMO UMA CRIANÇA QUE BRINCA”*



Se você, leitor, também se pergunta: o que pensam hoje os protagonistas de nossa rica história cultural dos anos 1960-70? Então vai gostar de ler este livro de Luiz Carlos Maciel, considerado o “guru da contracultura”. O *Sol da liberdade* traz seus escritos e pensamento da maturidade: franqueza, diversidade, reflexão sobre nossos dias. E tudo com muita leveza – “Confesso que o verdadeiro objetivo deste livro é simplesmente divertir um tipo de leitor que queira se identificar com esse inocente objetivo: quero apenas mexer com ideias como uma criança que brinca.”

O prefácio é do amigo de vida, Jorge Mautner, e a organização da historiadora Patrícia Marcondes de Barros, especialista em contracultura (teses de mestrado e doutorado sobre Maciel).

ISBN 978-85-8160-033-8 | 14 x 21cm | 296p. | R\$ 39,00 | Contato | editora@vieiralent.com.br
www.vieiralent.com.br | facebook.com/vieiralent | twitter.com/vieiralent

Sobre o autor | Luiz Carlos Maciel, escritor, jornalista e roteirista, tornou-se conhecido como o “guru da contracultura” pelo seu trabalho na imprensa alternativa nas décadas de 1960-70, com a divulgação da chamada “nova consciência” no Brasil. Foi um dos fundadores de *O Pasquim* e responsável pela coluna *Underground*. Nasceu em Porto Alegre e lá formou-se em Filosofia. Em 1959, ingressou na Escola de Teatro da Universidade da Bahia, quando conheceu Glauber Rocha, João Ubaldo Ribeiro, Caetano Veloso e outros companheiros de geração. Em 1960, estudou Direção Teatral e Roteiro no *Carnegie Institute of Technology*, em Pittsburgh, nos Estados Unidos. Em 1964, fixou residência no Rio de Janeiro, onde foi professor do Conservatório Dramático Nacional e trabalhou nos jornais *Última Hora*, *Jornal do Brasil* e na revista *Fatos e Fotos*, entre outras. Participou do jornal alternativo *Flor do Mal* (1971) e foi editor-chefe da edição brasileira da *Rolling Stone* (1972). Ao longo de sua carreira dirigiu inúmeras peças e espetáculos musicais. Entre elas, *Boca molhada de paixão calada* (1991), de Leilah Assumpção e *Brida* (1992), de Paulo Coelho. Seu roteiro para o filme *Dolores* (1998) foi premiado pelo Ministério da Cultura. Trabalhou durante vinte anos na Rede Globo, exercendo funções de roteirista, redator, membro de grupos de criação de programas e analista e orientador de roteiros.

Com a palavra, a organizadora | “Quando lhe perguntei sobre a inspiração para o título deste livro, *O Sol da liberdade*, Maciel falou sobre sua experiência com a seita religiosa União do Vegetal. Para ele, sob os efeitos alucinógenos de ayahuasca, a doutrina foi explicada: “O Sol é Deus” e, então, concluiu: “a liberdade é um Sol, o Sol é a liberdade”. A liberdade é a essência de Deus. A ontologia da liberdade realizada por Maciel nesta obra faz referências aos pensadores que trouxeram à tona as questões do ser e da liberdade, a despeito de todas as formas que a engrenagem se utiliza para aprisionar o indivíduo e distraí-lo de sua autonomia e de sua capacidade de gerir o próprio caminho.”

Por Jorge Mautner | “Luiz Carlos Maciel estava na raiz e no âmago da criação do tropicalismo [...]. Eu o conheci pelos artigos de *O Pasquim* enquanto estava exilado. Ao conhecê-lo pessoalmente, em 1972, ficamos imediatamente amigos e conspiradores atávicos. Nossas conversas eram sobre Heráclito, cultura negra, Nietzsche, o novo sistema nervoso, simultaneidade e, principalmente, o desvendar dos mistérios de nossa imensa riqueza cultural. [...] É essa simultaneidade da apreensão das coisas que impregna a visão de Luiz Carlos Maciel em todos os assuntos. Tudo aquilo que sacudiu o mundo nas décadas de 1960-70 foi intensamente analisado por ele, preconizado por ele, que sempre expôs essa visão da simultaneidade com efervescente e latejante força vital.”



Um pouco do livro | “Sou considerado, a despeito de mim próprio, uma espécie de autoridade em contracultura. Sei lá a razão, aconteceu, talvez porque eu fosse o único cara que, em nossa mídia da época, falasse do assunto quando a contracultura florescia. Como não havia nenhum outro candidato a “**guru da contracultura**”, sobrou para mim esse epíteto que, segundo Ruy Castro, **tereí de carregar até o final dos meus dias como uma corcunda**. Que jeito? Então cá estou aumentando um pouquinho mais a corcunda. Mas como é que vou falar sobre contracultura e de qual ângulo vou abordar o assunto?”

“Em nossa mídia atual, a contracultura é considerada um ‘cão morto’, uma coisa que aconteceu nos anos 1960-70 e já simplesmente acabou. Como o socialismo, o comunismo e outros ‘cães mortos’ nesse ‘admirável mundo novo’ que vivemos agora.”

“Ao mesmo tempo, a mídia encarregou-se da diluição da contracultura, apressando sua retração. Substituiu-a, no espírito das novas gerações, pelo culto ao aparecimento incessante de novas maravilhas do entretenimento, graças à nova tecnologia digital. Um computador e um celular de última geração são apresentados – e o que é pior: acreditados – como suficientes para assegurar a felicidade final.”

*“Esses autores que tenho citado aqui, minhas ‘autoridades’, foram importantes na evolução de um fenômeno histórico do século passado que ficou conhecido pela denominação de contracultura. Sua preocupação fundamental foi exatamente com a liberdade e, embora ela tenha se manifestado muito mais no plano prático da experiência existencial do que no teórico, pode-se dizer que aquilo que estamos chamando aqui de **ontologia da liberdade** floresceu subjacente a toda prática, como o conteúdo doutrinário essencial do movimento.”*

*“Vi claramente que o que chamei de **mistério dos vândalos** é simplesmente a expressão de uma legítima rebelião da juventude de hoje, no fundo mais lúcida do que a repetição ad nauseam do confronto senil que tem regido obstinadamente a nossa vida política.”*

“Eu era jovem, estava lá e ouvi; hoje, estou velho, mas lembro e repito. Somos obrigados a lembrar que fofocas políticas, de um lado ou de outro, não poderão ocultar o óbvio.”

*“Os jovens sabem o que querem, porque querem, para que querem, e o que precisam fazer para conseguir o que querem. Vão se lixar para a opinião de um velho de 75 anos, feito eu. **Na verdade, escrevo para minha geração** que, aliás, teve uma juventude de esquerda, principalmente socialista, e, com a idade e sei lá mais o quê, se bandeou em números assustadores para a direita. Muitos são ou eram ou sempre foram meus amigos, mas suas opiniões de hoje, conservadoras, reacionárias ou simplesmente fascistas, me deixam até meio assustado e envergonhado.”*

Pessoas | O livro traz histórias, muitas histórias, com Isabel Câmara, Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Ubaldo Ribeiro, Jô Soares, entre outros. Amigos e histórias revisitadas.

*“**Gil** tem o dom de conquistar os amigos que quer”*

*“A música e a poesia de **Caetano** são feitas para nos tocar os nervos e o coração. Sua prosa, entretanto, é endereçada ao nosso cérebro [...]”*

*“**Isabel Câmara** era frágil e delicada, mas também extremamente inteligente e bastante irônica...”*

*“**Ubaldo** cruza os braços e pede que eu faça o mesmo [...]”*

*“Quem ainda não sabe, fique sabendo: já fui condenado a dois anos de prisão (...) devido a uma circunstância providencial. Motivo: sexo. Tudo começou quando alguns moralistas do regime ditatorial de então resolveram implicar, não comigo, mas com o **Jô Soares** [...]”*

E mais, muito mais | Cerca de cinquenta crônicas/ensaios. O pano de fundo é sempre a reflexão filosófica, arcabouço do intelectual Luiz Carlos Maciel.

Novidades | Poemas inéditos e algumas revelações pessoais:

“Quando terminaram de orar, os irmãos se voltaram para mim e, através da irmã Natália, perguntaram se eu ‘aceitava Jesus’. – Aceito Jesus – respondi, em paz.”

